

doi <https://doi.org/10.5335/srph.v24i2.175>

## História oral: memória de imigrantes sírios e libaneses em Passo Fundo

Historia oral: memoria de inmigrantes sirios y libaneses en Passo Fundo

Oral history: memory of syrian and lebanese immigrants in Passo Fundo

MATHEUS PEDRA SEADY<sup>1</sup>  

**Resumo:** O presente artigo busca analisar e conceituar o campo historiográfico conhecido como História Oral, bem como ressaltar sua forma de uso e sua metodologia própria. Também busca compreender a conceituação da memória e seu uso dentro da escrita histórica e, principalmente, sua valia dentro da oralidade. Busca também trazer a memória de descendentes de imigrantes sírios e libaneses na cidade de Passo Fundo buscando compreender sua história oral testemunhal, que compreende a busca por uma vida melhor, compreensão de uma memória coletiva e inserção social na vida cotidiana da cidade.

**Palavras-chave:** História Oral. Memória. Imigração.

**Resumen:** El presente artículo busca analizar y conceptualizar el campo historiográfico conocido como Historia Oral, así como resaltar su forma de uso y su metodología propia. También busca comprender la conceptualización de la memoria y su uso dentro de la escritura histórica y, principalmente, su valor dentro de la oralidad. Además, el estudio pretende recuperar la memoria de los descendientes de inmigrantes sirios y libaneses en la ciudad de Passo Fundo, buscando comprender su historia oral testimonial. Esta historia abarca la búsqueda de una vida mejor, la comprensión de una memoria colectiva y la inserción social en la vida cotidiana de la ciudad.

**Palabras clave:** Historia Oral. Memoria. Inmigración.

**Abstract:** This article aims to analyze and conceptualize the historiographical field known as Oral History, as well as to highlight its specific use and methodology. It also seeks to understand the concept of memory and its role within historical writing, especially its value in orality. Furthermore, it aims to present the memory of descendants of Syrian and Lebanese immigrants in the city of Passo Fundo, seeking to understand their testimonial oral history, that includes the search for a better life, the understanding of a collective memory, and social integration into the daily life of the city.

**Keywords:** Oral History. Memory. Immigration.

---

<sup>1</sup> Graduado (2024) plena em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF) e em Filosofia (2025) pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Pós-graduado em Ensino de Filosofia e Sociologia (2025) e Ciências Sociais (2025). Mestrando em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF) e professor da rede estadual. Bolsista Capes II.

## Considerações iniciais

Em um primeiro momento, é importante ressaltar que o campo historiográfico que contém a história oral vem se tornando alvo de debates nos últimos anos. Ao longo da última década, o debate foi tão aprofundado que a história oral ganhou um novo gênero narrativo, mostrando que seu uso pode se adaptar até mesmo dentro da escrita histórica. A história oral é viva e usada para compreender pessoas, sentimentos, aflições, situações, histórias e afins. Indissociável da história é o conceito de memória, este é o elemento que permite que a história oral não seja objetiva, de certa forma, ele adiciona uma grande pitada de subjetividade para a pesquisa histórica, alcançando um campo onde a escrita histórica objetiva não pisa.

O conceito de memória nos indica sempre um lugar, lugar onde habita uma sociedade, portanto, a memória também pode ser coletiva, nos auxiliando a compreender sociedades e suas nuances. Os colaboradores em uma história oral são variados, contudo, existem grupos que de forma mais frequente são protagonistas de história oral: comunidades vulnerabilizadas e grupos de imigrantes. Desta forma, a história oral e o conceito de memória se tornam ferramentas úteis para compreender a memória coletiva de grupos de imigrantes.

Os imigrantes sírios e libaneses em Passo Fundo se fazem presentes em diversas áreas de atuação profissional, o ato de migrar e sua inserção social e econômica na cidade ainda são objetos de estudo. Entre os elementos que se destacam na trajetória de sírios e libaneses, podemos destacar o fato de que os migrantes arcavam com os próprios custos da viagem, também não possuíam perfil migratório ideal e foram vítimas das dificuldades naturais e preconceitos dos quais imigrantes estão sempre expostos. A memória desse grupo de imigrantes será explorada no presente artigo, com foco na compreensão de histórias de vida e memórias coletivas sedimentadas ao longo do tempo.

## História oral, o que é?

A história oral nasceu com o objetivo de registrar casos de soldados no pós-guerra, em meio a uma insatisfação de pesquisadores com métodos quantitativos (Alberti, 2004). No Brasil, a história oral surge na década de 70, em meio à ditadura militar. Mas afinal, o que é história oral? Entre as diferentes abordagens existentes para conceitua-la, a mais apropriada

responde que a história oral é uma disciplina, afinal, ela é capaz de pensar a si própria. Em uma definição mais ampla, Alessandro Portelli (2016) afirma que a história oral é a “arte da escuta”, ainda que a significação seja um tanto quanto ampla, ela carrega uma subjetividade importante.

A definição de Portelli nos ajuda, contudo, é importante ressaltarmos que a história oral é muito mais do que isso, em uma definição mais exígua: “A história oral é a dimensão prática e organizada de projetos que exploram as nuances da memória” (Seawright, 2016, p. 21). Em uma definição mais técnica, Meihy (2011) afirma que a história oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto, portanto, é muito mais do que a simples elaboração de entrevistas. Prevê planejamento de gravações com indicação de locais e estabelece parâmetros para eventuais análises.

É fundamental pensar para quem, como, quando, por que e para quem fazemos história oral. Parte-se da pessoa ou de um conjunto de pessoas que tem maior reserva de memória, considerado(s) como marco zero. Em seguida, devemos pensar em como fazemos história oral, contudo, o como fazer está em função do quem, é necessário que exista uma adaptabilidade ao contexto em que vive o grupo ou a pessoa com quem estamos fazendo história oral. O projeto também deve contar com escolhas procedimentais ligadas ao tempo: quando fazer história oral? De acordo com Meihy (2011), a história oral não pode ser apenas preenchedora de lacunas historiográficas e suas motivações “estão vinculadas ao momento político em que os projetos se apresentam necessários”. Por fim, para quem fazemos história oral? A lógica nos indica para a seguinte resposta: fazemos história oral para o público. Ainda que tal definição não esteja errada, não fazemos história oral apenas para o público, o projeto deve conter um significado especial e um retorno para os grupos que deram origem as entrevistas.

O projeto em história oral deve conter um tema claro, o título pode ser composto com referências temporais ou da comunidade que deu origem as entrevistas. O seu corpo de documentos pode ser pleno ou híbrido: enquanto o primeiro é composto apenas por entrevistas, o segundo possui tanto entrevistas quanto documentos regulares, como jornais, cartas, atas, entrevistas e etc. É de suma importância que o projeto em história oral contenha hipóteses “frágeis”, ou seja, não absolutas.

Em outras palavras, não devemos ir para a entrevista buscando confirmar o que já sabemos das bibliografias, em grande parte das entrevistas, o entrevistado subverte a ordem do trabalho e nos oferece novos elementos para a compreensão do tema. De acordo com a natureza do projeto, busca-se escolher a história oral que melhor se adapta, ou seja, o seu gênero

narrativo. A história oral possui quatro gêneros narrativos, sendo eles: história oral de vida, história oral temática, história testemunhal e tradição oral.

A história oral é um instrumento válido para compreender a memória de imigrantes, de acordo com Meihy (2002), a presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral. Nessa medida, ela não só oferece uma mudança no conceito de história, mas, mais do que isso, garante sentido social à vida de depoentes e leitores. Também devemos nos atentar a conceituação da memória, sempre ressaltando o seu caráter subjetivo, contudo, não fazendo de tal fator uma restrição ao seu uso.

## Gêneros narrativos

A história oral de vida é o gênero narrativo mais praticado no Brasil, trata-se de uma narrativa longa onde não existe imposição de um tema, interessam as subjetividades do entrevistado, requer tempo e empatia, é um gênero que se apoia na memória dos narradores e obedecem a comandos de decisões pessoais, considerando a espontaneidade das entrevistas. As perguntas não são diretas e objetivas, sendo conduzidas por estímulos: Um conjunto amplo de questões que se abrem para que o colaborador exerça seu papel de narrador, dono da própria história. De acordo com Leandro Seawright (2016), a história oral de vida não se confunde com biográfica, pois a biografia é marcada por fatos notáveis, não sendo assegurada pela memória de expressão oral.

A história oral temática é o gênero narrativo que mais se aproxima das soluções propostas pela disciplina história (Seawright, 2016), é o modelo que mais se presta a análises que confrontam opiniões ou visões diferentes acerca de um assunto. Parte da oralidade, mas a tematiza, requer perguntas direcionadas e permite divergências, as entrevistas são mais curtas, afinal são direcionadas para um tema em específico. Trata-se de um gênero narrativo onde a carga de subjetividade é reduzida: “dado seu caráter específico, a história oral temática ressalta detalhes da história pessoal do narrador que interessam por revelarem aspectos úteis a instrução dos assuntos centrais” (Meihy, 2011, p. 89).

A história testemunhal combina aspectos da história oral de vida e temáticas, esse gênero possui o trauma como ponto de partida (muito comum em projetos que envolvem vítimas), pode servir a políticas públicas de compensação e é costumeiramente realizado com grupos que vivenciam situações de risco: “mais do que registrar, permite análises tópicas de

problemas que questionam e incomodam o bem estar estabelecido” (Seawright, 2016, p. 75). De acordo com Meihy (2011), a história oral testemunhal ganha dever de condição social, uma vez que trata de eventos que afetam gerações ou interferem no andamento das relações sociais: “é a magnitude do drama que se torna o núcleo da narrativa e as entrevistas não podem perder esse cerne” (Meihy, 2011, p. 88). A história oral testemunhal se desenvolveu principalmente em lugares que passaram ou passam por grandes traumas, como a Alemanha, África do Sul e Ruanda. No Brasil, é utilizada principalmente quando tratada as secas do Nordeste, trabalhadores de movimentos sociais e etc.

A tradição oral é o gênero narrativo menos difundido no Brasil, afinal, requer uma convivência com o grupo de origem das entrevistas, ela admite a presença de crenças e aceita valores de explicação não racionais, trabalha com a transcendência do tempo, podendo anular espaços físicos, o que por vezes pode não ser bem visto pela academia. É uma das mais complexas e raras manifestações da história oral e por vezes tem sido rebaixada como um mero “folclore”. Nesse gênero em específico, não se pode exigir confiabilidade nos detalhes nem o que ficou conhecido como verdade histórica.

## Comunidades de destino

A especificação da comunidade de destino é o ponto de partida para projetos que busquem entender a memória individual e coletiva. A comunidade de destino se caracteriza pela força de um vínculo subjetivo existente entre pessoas em torno de motivações comuns, dramas e sofrimentos (Seawright, 2016). Por ser ampla, sua larga execução é inviável e a parcela maior de pessoas dessa comunidade deve ser cuidadosamente decomposta em subdivisões, sendo o núcleo narrativo (colônia) a primeira delas. O núcleo narrativo merece ser cuidadosamente definido, afinal, precisa guardar características peculiares que justifiquem sua subdivisão e ainda manter o elo que o ligue a comunidade. O núcleo narrativo tem como função auxiliar a conduta do projeto e o tornar executável. Trata-se de uma subdivisão considerável, contudo, o núcleo narrativo segue amplo e necessita de uma nova subdivisão ainda mais exígua, dando espaço para as redes. As redes são derivações do núcleo narrativo e se referem às menores parcelas das comunidades de destino, são parcelas ainda mais singulares.

Portanto, o processo de seleção parte da comunidade de destino para o núcleo narrativo que é subdividido e parte para as redes. Exemplo: Quando pesquiso a imigração sírio e libanesa

na cidade de Passo Fundo, os descendentes de imigrantes sírios e libaneses são a minha comunidade de destino, os descendentes que vieram de família maronita são minha primeira subdivisão (núcleo narrativo), enquanto os descendentes de sírios e libaneses que vem de família maronita e são homens configuram a minha rede.

## As entrevistas

O processo de subdivisão da comunidade de destino nos leva diretamente as entrevistas. A entrevista exige uma metodologia que envolve a pré-entrevista, onde são decididas o lugar, o tom da entrevista, a forma de gravação e etc. O processo da pré-entrevista varia de acordo com a comunidade de destino e com a justificativa do projeto, para Verena Alberti (2004), é no processo de pré-entrevista que o oralista deve tornar claro que a colaboração do entrevistado é de grande valia: “Este contato inicial é muito importante porque constitui um primeiro momento de avaliação recíproca, base sobre a qual se desenvolvera a relação de entrevista” (Alberti, 2004, p. 86). O processo de entrevista propriamente dito também passa por uma metodologia, que sugere a elaboração de uma pergunta comum de corte e exige a realização da entrevista, a transcrição, sua textualização e a transcrição.

A transcrição é o primeiro processo pós realização da entrevista, é nesse procedimento que a grafia corporifica o oral, a oralidade é passada para o código escrito, até mesmo erros de português e sons imprevistos são incorporados: “transcrever é o exercício de correspondência da estrutura dos enunciados verbais transpostos para a solução escrita em equivalência imediata e imitativa” (Seawright, 2016, p. 131). Meihy (2011, p. 87) define o processo de transcrição como longo, exaustivo e que pode não despertar interesse e ser relegado a terceiros, porém, argumenta que “é fundamental entender que a transcrição é outro momento de interação das subjetividades na pesquisa”. Portanto, o processo de transcrição, ainda que maçante, é fundamental para o bom andamento do projeto, sendo seguida pelo processo de textualização.

A textualização é realizada com objetivo de manter a lucidez do texto e reordenar as ideias emitidas, em outras palavras, a textualização é o mecanismo de mediar a entrevista: “as ideias são mais importantes do que a transposição perfeita das palavras” (Seawright, 2016, p. 133). Textualizar é preencher uma lacuna existente entre o falado e o grafado, se caracteriza por ordenar as ideias emitidas pelo entrevistado. Antes de seguirmos para a transcrição, um importante componente é detectado na textualização: o encontro do “tom vital” da entrevista.

O tom vital se caracteriza como o eixo que dá sustentação a entrevista, é caracterizado pela escolha de uma frase concisa e justifica os parâmetros da entrevista, ou seja, é o “fio da meada”, o elo que a conduz.

Por último, chegamos a transcrição, é neste último estágio que a qualidade textual é aperfeiçoada para tornar o produto adequado e competente, de certa forma, é a arte de “teatralizar” o que foi dito, se utilizando de conceitos como atmosfera, clima e ambiente. É a etapa final, a consequência da superação das etapas anteriores:

Em história oral, a sofisticação apresentada no ato transcriativo não remete o leitor a um texto descaracterizado, tampouco desfigura feições narrativas do colaborador. Ao contrário, procura-se por aprimoramento na recriação para tornar o produto competente no que tange a comunicação de ideias, de pensamentos, de sentimentos (Seawright, 2016, p. 139).

O processo de transcrição parte de compreender que o oral não pode ser tomado pelas mesmas regras que instruem o escrito. Conforme Meihy (2011), é na transcrição que elementos extratexto são incorporados, recriando um universo sonoro e visual para o mundo da escrita.

## **História oral, memória e memória coletiva**

A compreensão do conceito de memória é fundamental para todo o processo de realização de um projeto em história oral. Jacques Le Goff (1990) define memória como:

Propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (Le Goff, 1990, p. 423).

Segundo o filósofo Jonas Gonçalves Coelho (2004), memória corresponde a um processo parcial de lembrar fatos passados, ou o que um indivíduo representa como passado, podendo se tratar de um processo que não permite precisão, envolvendo esquecimentos, distorções e omissões: o que somos a cada momento de nossas vidas depende do que vivenciamos desde o nascimento e que é preservado sob a forma de lembranças e de características. Por vezes, a noção de memória individual foi colocada em oposição à noção de história, no sentido de historiografia.

De fato, se compreendermos a memória como apenas um depósito de informações e lembranças passivas não problematizadas, acaba sendo natural que a memória se coloque em

oposição a ideia de história, esta entendida como um campo de conhecimento necessariamente problematizador (Barros, 2011). Em relação ao uso da memória como fonte histórica, Barros (2011) ressalta que o mesmo foi colocado sob suspeita pelos historiadores em grande parte dos séculos, onde a história buscava sempre estar amparada pelo documento. No século XX, a escola de Annales em conjunto com os novos marxismos buscaram diversificar as fontes, a fim de obter uma diversificação de fontes, que em fins do século XX vão atingir também os relatos produzidos por memórias: “A História Oral ganha vigor sob esta nova perspectiva, e começa a gerar os seus próprios lugares institucionais” (Barros, 2011, p. 339).

O conceito de memória é a chave para compreender o quão fundamental e auxiliar se faz a história oral como fonte histórica. Quando distinguimos história e memória, sempre nos é alertado sobre o caráter subjetivo da memória e os diversos cuidados que devemos ter quando respingamos a memória no campo historiográfico. A distinção entre história e memória busca afirmar o quanto a memória precisa da história para ser compreendida no campo historiográfico, porém, pouco é falado sobre o quanto a memória pode ajudar o campo da história. O conceito de memória é a chave para compreender o quão fundamental a história oral é como ferramenta e fonte histórica, a história oral acessa subjetividades da memória que a história tem dificuldades de tomar: quando pensamos em um soldado atordoado no pós-guerra, seu comportamento demonstra insegurança, ansiedade, choro, terror, tristeza e afins. Será que a escrita histórica e documental consegue captar todos esses elementos?

A concepção de memória apresenta dinamismo com o passar do tempo, sendo concebida atualmente como um fenômeno de natureza complexa, não sendo mais compreendida como passiva para se tornar um processo ativo, dinâmico e interativo. Um marco importante foi a compreensão de que a memória individual sempre envolve importantes dimensões coletivas, desta forma, a memória abandona o campo da experiência perceptiva e individual e alcança a possibilidade de ser socializada:

Foi assim que tanto a dimensão da memória coletiva contribuiu para permitir uma abordagem mais complexa da Memória Individual, como as crescentes descobertas científicas sobre a Memória Individual também produziram motivações importantes para uma ressignificação da noção de memória coletiva. É assim que, nos dias de hoje, a reflexão sobre a memória coletiva tem sido recebida na maior parte dos setores historiográficos de uma nova maneira (Barros, 2011, p. 320).

Para Le Goff, a memória coletiva seria, de agora em diante, concebida como “o que fica do passado no vivido dos grupos ou o que os grupos fazem do passado” (Le Goff, 1990, p.

472), o historiador também ressalta que o conceito de memória coletiva desempenha um papel importante na interdisciplinaridade que tende a instalar-se entre as ciências sociais. De acordo com o sociólogo Maurice Halbwachs (1990), a memória é fundamentalmente coletiva: nossas lembranças são construídas e reconstruídas através de interações sociais. Halbwachs (1990) atenta para a impossibilidade da memória estritamente individual; afinal, quando uma lembrança é reconstruída, utilizamos referências construídas coletivamente, como a linguagem, por exemplo. Estas referências afetivas nos permitem atualizar uma identificação com a mentalidade do grupo no passado e retomar o hábito e o poder de pensar e lembrar como membro do grupo (Schmidt; Mahfoud, 1993). Portanto, a memória se mostra indispensável para a constituição de identidades semelhantes ou distintas, em virtude de histórias pessoais parecidas ou distintas: a memória é, em grande parte, responsável pela inexistência de uma identidade permanente (Coelho, 2004).

A história oral busca fornecer outros ângulos para problemas que são, de regra, marcados pela objetividade. A realidade dos fatos advindos de entrevistas em história oral está intimamente ligada a memória e as impressões, sendo a história oral o espaço dessas impressões:

As histórias orais implicam frequentes quebras de tabus. Colocam em contato pessoas improváveis, propiciam a escuta e a responsabilidade das histórias de vida. Surpreendem pelas lembranças e por dicções ousadas que reclamam acolhimento (Seawright, 2023, p. 34).

A obtenção do conhecimento em história oral está pautada em postura, respeito e procedimento na condução das entrevistas, não havendo espaço para supostos oralistas neutros: existir implica se envolver com os existentes e suas narrativas, sem lugar para neutralidade.

## **A memória de imigrantes sírios e libaneses em Passo Fundo**

Quando tratamos da memória de imigrantes sírios e libaneses na cidade, deve ser ressaltado o fato de que tais imigrantes não contavam com auxílio estatal, a viagem era custeada pelos próprios, caracterizando uma imigração espontânea (Francisco, 2013). São valiosas as contribuições de tais imigrantes a diversos setores da vida nacional, econômica, cultural e acadêmica. Dados de 2017 mostram que a comunidade libanesa no Brasil corresponde a quase o triplo da população do Líbano, cerca de 12 milhões de libaneses vivem no Brasil, enquanto a

população do Líbano é de cerca de 5 milhões de pessoas. Em geral, projeção da comunidade libanesa no Brasil fundamenta-se, segundo Medeiros (2011), por dois fatores principais: a dispersão física pelo território nacional e a notável mobilidade socioeconômica.

As primeiras levadas de imigrantes sírios e libaneses chegaram a Passo Fundo na segunda metade do século XIX, atraídos pela instalação da ferrovia São Paulo – Rio Grande e pelo desenvolvimento econômico e demográfico do núcleo urbano de Passo Fundo. Grande parte destes imigrantes possuía origem camponesa no Oriente Médio, contudo, devido a estrutura fundiária restrita em que o Brasil se encontrava, não conseguiram se adaptar ao núcleo rural, tampouco engrossaram as fileiras do operariado urbano (Vanin; Follador, 2019).

Em geral, a maioria desses, realizou a atividade de mascate (Tedesco; Vanin; Jacomelli, 2020), os recém-chegados buscavam adquirir crédito e confiança nas praças de comércio. Com auxílio de empréstimos e facilidades nas primeiras transações, foi possível sustentar a atividade comercial e se inserir em redes de comércio, os ambulantes ainda contavam com o apoio de comerciantes já estabelecidos, ligados a colônia sírio-libanesa. Na cidade, existia um espaço que, por mais de meio século, foi identificado como a “quadra dos turcos”, um espaço comercial popular na região central de Passo Fundo, entre as quadras da Rua Fagundes dos Reis com a Rua 15 de Novembro, ao lado da Avenida Brasil, onde se localizavam o Clube Comercial e a escadaria da Brahma (Tedesco; Vanin, 2017).

Em geral, os imigrantes sírios e libaneses se estabeleceram de forma satisfatória na cidade de Passo Fundo, contribuindo para o desenvolvimento comercial da cidade, presentes na política a nível municipal e estadual, ascendendo socialmente em diversas áreas profissionais. Descendentes de imigrantes contaram um pouco da chegada, da inserção social e da memória que possuem dos seus antepassados.

## Abdul Kalil

Ramadan Kalil nos conta a história de seu pai, desde a fase da imigração até a inserção social e econômica em terras passo-fundenses:

Meu avô chamava-se Abdul Kalil, veio para o Brasil quando tinha 17 anos, chegou em São Paulo vindo com passaporte turco, na época era tudo a Grande Síria e só a Turquia expedia passaporte. Meu avô foi de São Paulo para Porto Alegre, não teve muita perspectiva em Porto Alegre e acabou vindo para Passo Fundo, que era uma cidade em crescimento, ele pisou em Passo Fundo em 1905. Veio para o comércio,

lidava em Passo Fundo com bebidas e cavalos, ali no boqueirão, existia muita corrida de cavalo na região de Passo Fundo e Carazinho. A adaptação foi muito rápida, ele precisava aprender, precisava sobreviver, minha avó conta que em 10 dias ele já estava falando português. Meu avô trouxe dois irmãos depois, um se estabeleceu em Tapes com o comércio e a outra ficou em Porto Alegre. Meu avô prosperou com o negócio dele, mas também perdeu muito.<sup>i</sup>

Em relação a estreita ligação entre imigrantes sírios e libaneses e o ramo do comércio, Ramadan a atribui a bagagem cultural carregada por esse grupo de imigrantes desde a vida no Oriente Médio:

É um pouco da cultura deles, dos mercadores. Era a cultura da troca. Meu pai seguiu no comércio, tinha uma alfaiataria aqui do lado do Banco do Brasil, chamada Luz e Kalil, tinha uma relação com outras famílias de imigrantes, como a família Dipp, com o Joseph Estacia, com o Thadeu Neddef. São famílias que tiveram uma ascensão social, uns partiram pra política, outros pra lados diferentes, alguns até mudaram o nome para não serem perseguidos.<sup>ii</sup>

Quando perguntado sobre a relação de seu pai com outros imigrantes sírios e libaneses, Ramadan não explicita a existência de uma comunidade formal, inclusive atribui sua não existência ao fato da fragilidade econômica e social vivida na região da Grande Síria:

Conhecia imigrantes sírio-libaneses, tinha cada um seu ramo, até hoje não existe essa cultura muito de aproximação, assim como os italianos, por exemplo. Foi tentado um centro comunitário árabe recentemente, mas não prosperou. Acho que eles queriam esquecer um pouco o ambiente vivido lá, não se comentava muito na época. Tem que tirar o chapéu para eles, foi uma oportunidade que surgiu na época e eles abraçaram, atravessaram o oceano com 17 anos, levavam meses, se adaptaram, se estabeleceram, são desbravadores.<sup>iii</sup>

É interessante observar que Ramadan não nega a existência de uma ajuda muita, pelo contrário, nos mostra a existência de uma cultura de troca, ao mesmo tempo, mostra certa lamentação com o fato da inexistência de uma comunidade formal.

## Jorge Dadia

O entrevistado Carlos Alberto Mayer conta a história do avô, saído de Damasco, na Síria e vindo para o Brasil em busca de uma vida melhor:

Meu avô, Jorge Felipe Dadia, saiu da Síria fugido da guerra secular que existia naquela região, minha avó deu dinheiro para ele fugir do alistamento militar, pois ele já havia perdido dois irmãos para o exército. Apesar de ter dado o dinheiro para ele vir para o

Brasil, meu avô, que era homem, foi parando por alguns lugares da Europa, ficou um pouco na Espanha, um pouco na Inglaterra e um pouco em Paris, sabia até falar as línguas desses países, até que veio parar em São Paulo, vindo do porto de Santos. Em São Paulo se estabeleceu, tinha uma empresa no ramo da sapataria com cerca de 25 empregados, porém, perdeu tudo no jogo, vindo embora para a região de Passo Fundo/Soledade para mascatear. Em Soledade, conheceu minha avó, Haifa, vinda de Beirute, pelo fato de ser muçulmano e ela cristã, a mãe de Haifa não permitiu que casassem, os mesmos decidiram fugir para Santa Cruz para casar, casaram em 1926 e vieram para Passo Fundo, onde tiveram seus 17 filhos, dos quais 9 sobreviveram.<sup>iv</sup>

O colaborador confirma que a adaptação do avô foi, em parte, tranquila em função da união entre os imigrantes:

Foi uma adaptação tranquila, ele conseguiu ascender socialmente, a comunidade sírio-libanesa aqui era muito forte, existia um centro de cultura sírio-libanês, no qual o meu avô era tesoureiro, quando vinham imigrantes de lá eles ajudavam financeiramente, com aluguel, roupa, comida, ajudavam a pessoa a se estabelecer, encontrar um ofício, geralmente era comércio, na maioria das vezes, davam um incentivo para a pessoa mascatear, do que eu sei, meu avô ajudou muita gente inclusive. Meu avô se tornou uma pessoa muito bem vista na cidade, não que fosse milionário, mas era uma pessoa que tinha prestígio, abriu uma sapataria onde intelectuais da cidade se reuniam para conversar. A relação com outros imigrantes sírio libaneses era fortíssima, uma ligação muito forte.<sup>v</sup>

Assim como Ramadan, Carlos valoriza a luta e a trajetória dos seus antepassados, a adaptação em Passo Fundo e a bagagem cultural deixada:

Eu sempre valorizo a força e a luta desses imigrantes, a adaptação deles deve ser extremamente enaltecida todos os dias, o nosso estado foi formado por imigrantes, sempre que posso busco enaltecer as pessoas mais velhas da minha família, não esqueço as minhas raízes.

É interessante analisarmos que na memória de Carlos Alberto, deixada pelo seu avô, a união entre imigrantes sírios e libaneses foi parte fundamental para inserir esse grupo de pessoas no cotidiano social e econômico do Rio Grande do Sul e da cidade de Passo Fundo.

## Antonio Elias Dipp

A entrevistada Linda Estacia Dipp fala sobre o pai e sobre a trajetória da família, sua inserção social e a busca por um capital econômico:

O nome do meu pai era Antônio Elias Dipp, veio pra cá com seus 19, 20 anos, parece que discutiu com o pai dele e como tinha uns primos aqui, resolveu vir para cá, mas veio apenas para passear. Meu pai tinha primos estabelecidos em Soledade, ele mascateava, colocava os produtos do lado do cavalo e ia nas estâncias que haviam em Soledade, Espumoso e região. Era muito bem recebido, era um moço novo, bonito, naquela época não existia essa insegurança que existe hoje, ele se hospedava e ficava por dias nessas casas, conversando, vendendo suas coisas. Ele fez muitas amizades, tanto é que muitos anos depois, todo esse pessoal que ele conhecia vinha para Passo Fundo se hospedar na casa dele, e ele recebia com muito prazer, retribuindo toda gentileza que recebeu dessas pessoas nas redondezas de Soledade. Ele conseguiu um capital e se estabeleceu em Soledade, abrindo uma loja com um dos primos, nesse tempo, a mãe dele escreveu para ele que que ele fosse visitá-lo, então, ele deixou a loja com seu primo.<sup>vi</sup>

A colaboradora fala sobre a vinda do pai para a cidade de Passo Fundo:

Um amigo dele aqui em Passo Fundo queria comprar essa esquina, como não tinha dinheiro, pediu para meu pai arrematar, garantindo que seria um bom negócio futuramente. Nesse meio tempo, ele foi visitar sua mãe, que disse que ele ‘não poderia voltar para o Brasil solteiro, que ele precisava de um lar, de uma família’, a mãe dele tratou de apresentar uma moça, essa moça era minha mãe, e ele gostou da moça e a moça gostou dele, ele a pediu em casamento e se casaram por lá mesmo. Decidiram voltar, mas ele não quis voltar para Soledade, quis vir para Passo Fundo, nesse meio tempo, o amigo que o havia pedido para comprar essa esquina faleceu, então ele deixou a loja em Soledade para o primo dele e se estabeleceu nessa esquina aqui. Com 6 anos de casados eu nasci.<sup>vii</sup>

A entrevista de Linda Estacia Dipp reforça a familiaridade desse grupo de imigrantes ao comércio, também nos remete a interpretação do sociólogo Osvaldo Truzzi (1993), quando afirma que a ato da mascateação integrava territórios urbano e rural.

## Emilio Benjamin Seady

Emilio Benjamin Seady veio de Beirute em fins do século XX. Emílio era maronita e ainda jovem, veio para o Brasil devido a perseguição religiosa sofrida no seu país de origem. De início, instalou-se em Soledade, onde casou-se com Constantina Fernandes e abriu uma casa de comércio para vendas de artigos diversos, também criava animais. Emilio se instalou inicialmente em Soledade, onde abriu uma casa de comércio para venda de artigos diversos, também era criador de animais. Na década de 1920, Emílio e a esposa se transferem para Passo Fundo, onde os filhos são inseridos no comércio local. Conforme relato de Pedro Luiz Seady, neto de Emílio, confirma que a causa da imigração foi religiosa:

Pelo que ouvi de nossos antepassados, o Emílio era monge maronita no Líbano e teve que sair de lá por causa do contexto de guerra. Veio para o Brasil, um país riquíssimo, vir para o Brasil na época era como ganhar na loteria.<sup>viii</sup>

Segundo o interlocutor, a bagagem cultural do avô era imensa:

O Emílio falava e dominava vários idiomas fluentemente, do inglês, francês, aramaico e etc. Eles eram chamados para dar palestras para os povos de várias nações, tinham muita facilidade de idiomas por conhecer as escrituras.<sup>ix</sup>

Segundo Aniello D'Arienzo, Emílio foi um dos fundadores da Sociedade Beneficente Syrio-Libaneza de Passo Fundo, sociedade da qual também foi secretário e tesoureiro. Emílio ainda se associou a “Società Italiana di Mutuo Soccorso Iolanda Margherita di Savoia”, ou Sociedade Italiana de Mútuo Socorro, uma sociedade fundada em 1901, cuja “principal finalidade era ajudar os italianos estabelecidos no município” (D’avila, 2000, p. 17). Com o passar do tempo, a sociedade começou a reunir integrantes de diversos países, em 1937, com a lei de nacionalização do Estado Novo de Vargas, a associação passou a se chamar Clube Caixeral (Battistella, 2009).

## Considerações Finais

Há muito espaço existente para a história oral na historiografia brasileira. Fazer história oral implica em um conjunto de procedimentos que exige responsabilidade e uma metodologia específica do oralista (entrevistador) com o colaborador (entrevistado), além da escolha de um ou mais gêneros narrativos, escolha da comunidade de destino, seu núcleo narrativo e suas redes, desembocando na parte da entrevista. O pós entrevista é marcado por três etapas: transcrição, textualização e transcriação, as etapas são subsequentes e garantem o pleno funcionamento do projeto e seu resultado final.

A história oral adentra um mundo de subjetividades que muito tem a somar com a escrita historiográfica. O campo da história oral está seguidamente em evolução e é alvo de debates entre a comunidade acadêmica, ganhando novos gêneros narrativos e se tornando um instrumento cada vez mais relevante para a compreensão de sociedades marginalizadas, mas não cumprindo o propósito único de preencher lacunas. A oralidade acessa um inconsciente que detalha com profundidade a memória de descendentes de imigrantes. Se compreendemos a história como viva, cíclica e mutável, tornamos a história oral recurso obrigatório para sua

compreensão, também devemos ressaltar a profundidade e a necessidade da compreensão do conceito de memória. Memória e história não são equivalentes, mas podem ser complementares, com a devida hierarquização.

Os imigrantes sírios e libaneses compreendem capítulo fundamental da história de Passo Fundo, sua fantástica capacidade de adaptação e inserção social, política e econômica devem ser ressaltadas e profundamente enaltecidas. As memórias de seus descendentes são importantes fragmentos de uma história que ainda é muito viva, e merece ser escutada. As entrevistas nos revelam o quão importante foi a existência de uma rede de apoio entre os imigrantes, ao mesmo tempo nos revela que a busca por uma identidade cultural ainda existe. É sempre importante pontuar que a memória pode martirizar antepassados, ainda mais quando possuem familiaridade, contudo, a historiografia nos apresenta elementos que nos permitem concluir acerca de uma adaptação bem-sucedida, sempre levando em conta a metodologia e a conceituação do termo memória.

## Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BARROS, José D'Assunção. Os Campos da História: uma introdução às especialidades da História. **Revista HISTEDBR**, Campinas, n. 16, p. 17-35, dez. 2004. Disponível em: [https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4785/art3\\_16.pdf](https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4785/art3_16.pdf). Acesso em: 10 ago. 2025.

BARROS, José D' Assunção. Memória e História: Uma discussão conceitual. **Revista Tempos Históricos**, v. 15, p. 317-143, set. 2011. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6798378.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2025.

BATISTELLA, Alessandro. O movimento operário em Passo Fundo (RS) – 1920-1964. **Revista História em Reflexão**, Dourados, v. 3 n. 5, p. 1-24, jun. 2009. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/historiaemreflexao/article/view/217/193>. Acesso em: 07 ago. 2025.

COELHO, Jonas Gonçalves. Memória, História e Identidade. **Revista Científica da Universidade do Oeste Paulista**. Presidente Prudente, v. 2, n. 1, p. 39-44, jun. 2004. Disponível em: <https://journal.unoeste.br/index.php/ch/article/view/193/97>. Acesso em: 18 ago. 2025.

D'AVILA, Ney Eduardo Possapp. **Caixeral Campestre Tênis Clube 1901-2001: cem anos de história**. Passo Fundo: Imperial Artes Gráficas, 2001.

DORNELAS, Juliana Gomes. **Na América, a Esperança: os imigrantes sírios e libaneses e seus descendentes em Juiz de Fora, Minas Gerais (1890-1940)**. 2008. Dissertação (Mestrado

em História) Universidade Federal de Juiz de Fora - Instituto de Ciências Humanas, Juiz de Fora, 2008.

FRANCISCO, Júlio Bittencourt. Turco de cuia e bombacha: sírios e libaneses no Rio Grande do Sul. In: ENCONTRO REGIONAL SUL DE HISTÓRIA ORAL, 7., 2013, Foz do Iguaçu. **Anais [...]**. Foz do Iguaçu: UNILA, 2013. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/256438994\\_De\\_cuia\\_e\\_bombacha\\_sirioslibaneses\\_no\\_Rio\\_Grande\\_do\\_Sul\\_Brasil](https://www.researchgate.net/publication/256438994_De_cuia_e_bombacha_sirioslibaneses_no_Rio_Grande_do_Sul_Brasil). Acesso em: 12 ago. 2025.

HALBWACHS, M. *A Memória coletiva*. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

LE GOFF, Jacques. **Memória**. LE GOFF, Jacques. In: *Memória e História*. Campinas: Unicamp, 1990, p. 423-483.

MEIHY, José Carlos Sebe; RIBEIRO, Suzana Salgado. **Guia prático de História Oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SCHMIDT, Maria Luisa; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 285-298, 1993. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-51771993000100013](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771993000100013). Acesso em: 23/10/2025.

SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e Narrativas**: História Oral aplicada. São Paulo: Contexto, 2020.

SEAWRIGHT, Leandro. **Vidas Machucadas**: História Oral aplicada. São Paulo: Contexto, 2023.

TEDESCO, João Carlos; BATISTELLA, Alessandro; NEUMANN, Rosane Marcia (Orgs.). **A formação étnica de Passo Fundo**: História, memória e patrimônio. Erechim: AllPrint Varela, 2017.

TEDESCO, João Carlos; VANIN, Alex Antônio; JACOMELLI, Jussara (Orgs.). **Sírios e libaneses no Centro-Norte do Rio Grande do Sul**: imigração, memórias e representações (1890-1970). Passo Fundo: Acervus, 2020.

TRUZZI, Oswaldo Mario Serra. **Patrícios: Sírios e Libaneses em São Paulo**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 1993.

VANIN, Alex Antônio; CARVALHO, Djiovan Vinicius (Orgs.). **Passo Fundo**: estudos históricos. Volume I. Passo Fundo: Acervus, 2019.

## NOTAS

---

<sup>i</sup> KALIL, Ramadan. Entrevista concedida a Matheus Pedra Seady.

<sup>ii</sup> KALIL, Ramadan. Entrevista concedida a Matheus Pedra Seady.

<sup>iii</sup> KALIL, Ramadan. Entrevista concedida a Matheus Pedra Seady.

<sup>iv</sup> MAYER, Carlos Alberto. Entrevista concedida a Matheus Pedra Seady.

<sup>v</sup> MAYER, Carlos Alberto. Entrevista concedida a Matheus Pedra Seady.

<sup>vi</sup> DIPP, Linda Estacia. Entrevista concedida a Matheus Pedra Seady.

<sup>vii</sup> DIPP, Linda Estacia. Entrevista concedida a Matheus Pedra Seady.

<sup>viii</sup> SEADY, Pedro Luiz. Entrevista concedida a Matheus Pedra Seady.

<sup>ix</sup> SEADY, Pedro Luiz. Entrevista concedida a Matheus Pedra Seady.